



Recebido em: 16/07/2018

Aceito em: 08/08/2018

IDENTIDADE NACIONAL E MASCULINIDADE EM “KUDURO COM VIAGRA”, DE FERNANDO MONTEIRO

NATIONAL IDENTITY AND MASCULINITY IN FERNANDO MONTEIRO’S “KUDURO COM VIAGRA”

IDENTIDAD NACIONAL Y MASCULINIDAD EN “KUDURO COM VIAGRA”, DE FERNANDO MONTEIRO

Mário César Lugarinho¹

Andrea Maria Carvalho Moraes²

Edson Salviano Nery Pereira³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma leitura do conto “Kuduro com Viagra”, do escritor cabo-verdiano Fernando Monteiro, disponível na coletânea **Na roda do sexo** (2009). Em destaque, como o conflito entre as representações de masculinidade encontradas no conto de Monteiro problematiza elementos da identidade nacional cabo-verdiana.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidades, identidade de gênero, identidade nacional, conto cabo-verdiano.

ABSTRACT

This article intends to present a new reading of “Kuduro com Viagra”, a short story by Fernando Monteiro, writer born in Cape Verde. The short story is part of the book Na roda do sexo (2009). In particular, how the conflict between the representations of masculinity found in Monteiro’s tale problematizes elements of the Cape Verdean, national identity.

¹ Professor Associado da Universidade de São Paulo na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. E-mail: lugarinho@usp.br

² Mestre em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) (2018) pela Universidade de São Paulo. E-mail: amcmorae@gmail.com

³ Aluno do Doutorado no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. E-mail: salvinery@usp.br



KEYWORDS: masculinities, gender identity, national identity, Cape Verdean, short story.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo realizar una lectura del cuento “Kuduro con Viagra”, del escritor caboverdiano Fernando Monteiro, disponible en la colección En la rueda del sexo (2009). En particular, aborda como el conflicto entre las representaciones de masculinidad encontradas en el cuento de Monteiro problematizan elementos de la identidad nacional caboverdiana.

PALABRAS-CLAVE: masculinidades, identidad de género, identidad nacional, cuento caboverdiano.

Pensar a constituição de uma identidade nacional, que deva representar de forma igualitária os nativos de um determinado país, é demasiado complexo. Como descreve Benedict Anderson, em **Comunidades Imaginadas** (1983), a ideia de nação será sempre imaginada, pois, de modo algum, os indivíduos pertencentes a um determinado país poderão conhecer a todos os outros indivíduos e com eles partilhar experiências. É neste sentido que elementos culturais se tornam elementos de junção, a partir dos quais um determinado povo constrói a ideia de nacionalidade, de unidade.

Quando se verifica a história e a constituição da identidade nacional de Cabo Verde o pressuposto de Anderson se torna evidente. Inicialmente um arquipélago desabitado, as ilhas de Cabo Verde passaram a ser povoadas principalmente por africanos escravizados. Como postula João Lopes Filho, em **Introdução à cultura Cabo-Verdiana**, a ilha serviu no período de colonização portuguesa como um entreposto entre África e América do Sul, tornando-se, nas palavras do estudioso, um laboratório no qual os escravizados sofriam processos de aculturação e adaptação à língua portuguesa (LOPES FILHO, 2003, p.35).

Independente de Portugal apenas em julho de 1975, Cabo Verde, no entanto, preparava-se identitariamente havia muito. Para Camilo Querido Leitão da Graça, em **Cabo Verde: formação e dinâmicas sociais** (2007), a tomada de consciência nacional vai se dando ainda no período colonial, “com fugas de escravos, revoltas de camponeses pobres, protestos de comerciantes nativos e da própria administração local, face ao abandono da metrópole”; (GRAÇA, 2007, p. 39). Diante disso, como elucida Graça, emerge uma conscientização de uma identidade cultural própria.

Como apontam diversos estudiosos, a principal característica do povo Cabo-verdiano



enquanto nação pode ser encontrada na adoção e na defesa de seu caráter mestiço. Diferente do Brasil, por exemplo, que embora permita que a ideia da mestiçagem do povo flamule na sua identidade, mas continua reconhecendo outros grupos de imigrantes; em Cabo Verde, por sua vez, todos são, por excelência, mestiços. Confrontando Gilberto Freyre, em **Casa grande e Senzala** (1933), a respeito da construção da ideia de mestiçagem brasileira, José Carlos Gomes dos Anjos, no ensaio “Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde” (2003), aponta:

Em Cabo Verde, mais do que como ‘zona de confraternização’, a mestiçagem é percebida como ponto de anulação dos pólos de antagonismo numa síntese completa, na medida em que não há sequer a separação de superfície [fenótipo]. (ANJOS, 2003, p.585).

Tal característica da mestiçagem resultaria, por sua vez, na anulação do conceito de raça, ao mesmo tempo em que concede ao mestiço a oportunidade de falar por si.

Este processo de horizontalização do convívio, a partir do qual todos seriam iguais, pelo menos no tange à questão racial, desemboca em um elemento cultural e identitário: a *morabeza*. Para Gabriel Mariano, em **Cultura Cabo-Verdiana – Ensaio (1991)**, a *morabeza* pode ser entendida como:

o principal motor da conduta e do pensar crioulos (...) a capacidade de adesão sentimental a problemas e situações alheias e de sintonização afectiva com o seu semelhante (...) ‘algo que’ leva a um convívio familiar com as pessoas e até com as coisas: que lhe solicita uma ânsia irreprímível de diálogo... dissolvente, anuladora de distâncias, criadora de um sentido agudo de intimidade sentimental doméstica e familiar. Intimidade que se projecta sentimental e amiga sobre as coisas inanimadas (...). Em tudo uma tendência para quebrar a rigidez ortodoxa. Tudo o que se relaciona com o cabo-verdiano vem impregnado de um forte cunho de familiaridade, de intimidade doméstica. (MARIANO, 1991, pp.88-89)

A *morabeza*, como elucida Leão Jesus de Pina em “Cordialidade e democratização: da *morabeza* às tendências atuais da cultura política cabo-verdiana” (2010), dissemina a ideia de que:

à essência cultural cabo-verdiana está subjacente uma forte qualidade democrática, manifesta na sua abertura ao outro, na tolerância e no respeito pela diferença, no impulso para a pluralidade e solidariedade, na convivência e no diálogo, nas chances iguais de mobilidade social, no cosmopolitismo e na tendência universalista (PINA, 2010, p.5).

Tomaremos como pressuposto para a discussão deste trabalho o cerne do conceito de *morabeza*, a cordialidade entre os indivíduos. Será discutido de que modo a literatura cabo-verdiana, produzida recentemente, discute conceitos da tradição, problematizando o senso comum



e apontando para novas interpretações da cultura e do povo cabo-verdiano, desmistificando, ao final, a compreensão de “docilidade e passividade”.

Para a análise proposta neste artigo, escolhemos o conto “Kuduro com Viagra” que compõe a coletânea **Na roda do sexo**, do escritor cabo-verdiano Fernando Monteiro, lançado em 2009. Além desta publicação, Monteiro publicou, em 1992, a coletânea de contos **Desassossego**.

O escritor, falecido em 2011, foi também jornalista e cronista, atuando nos jornais **Horizonte e Expresso das Ilhas**. Como lembra Luciana Miranda Marchini (2017), a profissão oficial do escritor permitiu que ele conhecesse a vida dos cidadãos de Cabo Verde; expandindo seu olhar para além dos moradores da capital,

podemos conjecturar que o olhar indiscreto e perscrutador do cronista e jornalista fomenta a imaginação do contista, ao elaborar narrativas que desconcertam o leitor na medida em que representam e encenam ações – como é próprio do discurso literário – que ressignificam e transformam conceitos tidos como naturais e imutáveis devido às suas infinitas repetições (MARCHINI, 2017, p. 84).

Ainda de acordo com a estudiosa, no que tange à produção literária de Fernando Monteiro, encontramos tramas que se desenvolvem a partir da loucura, do absurdo, do amor e o sexo, passando pelas transgressões ao natural, de forma pouco convencional para o panorama das literaturas africanas de língua portuguesa, utilizando-se, para isto, de enredos bem construídos.

Importante registrar que, por si só, a coletânea é um marco na literatura africana de língua portuguesa, sobretudo por seu caráter contundente no que diz respeito à tônica dada à sexualidade e ao sexo como elementos que geram a temática. Mesmo num exame rápido, tendo como escopo as principais obras que compõem o cânone das literaturas africanas de língua portuguesa, é perceptível que os temas abordados por Monteiro são, muitas vezes, deixados de lado, ou representados em segundo plano, a despeito de uma tematização que prefere abusar das figuras e situações históricas, criando, por sua vez, uma tradição literária que se firma na revisitação do passado como forma de compreender o presente.

O que se percebe aqui é que, a fim de expandir, ou mesmo, propor novas formas para reiterar a discussão a respeito da identidade cabo-verdiana, Fernando Monteiro se debruça sobre o agora, questionando a tradição que se apresenta implícita no cotidiano, bem como o senso comum e as instâncias de identidade cultural de seu país. Tal exercício, por sua vez, camufla-se nos contos, agindo muitas vezes de forma implícita, revelando-se, ao fim, no estudo da fatura textual.

O conto eleito para análise surge como um exemplo desta técnica narrativa adotada por Monteiro. Narrado em terceira pessoa, em discurso direto, “Kuduro com Viagra” apresenta os



impasses de Feliz em relação à sua masculinidade. Masculinidade essa não revelada apenas no exercício de sua virilidade, embora passe por ela, mas também na sua relação com outros homens e com indivíduos de outros gêneros.

Faz-se necessário destacar, antes de prosseguirmos, que consideramos como masculinidade o conjunto de ações e discursos que praticados de forma socialmente organizada confirmam a hombridade de um homem. Neste sentido, para além de elementos como identidade sexual, entendemos como componentes desta masculinidade: senso de honra, virilidade, altivez, coragem, dentre outros, são alguns destes componentes que confirmam ou negam, aos olhos de outrem e de seus próprios olhos, a masculinidade de um determinado indivíduo.

De acordo com Bourdieu, em **A dominação masculina** (2010), a masculinidade é um investimento em jogos sociais, tal como um princípio indiscutido de todos os deveres de um homem para consigo mesmo. É ainda, seguindo o mesmo autor, o motor ou móvel de tudo que um homem deve cumprir para estar agindo corretamente consigo mesmo, para permanecendo digno, aos seus próprios olhos, segundo certa ideia de homem.

Importante destacar que, por ser um jogo social, estabelecendo-se dentro de uma determinada cultura e, principalmente, advinda de certo momento histórico cultural, o conceito de masculinidade é maleável, ajustando-se e se reajustando a fim de atender às demandas de determinados paradigmas sociais, políticos, econômicos e de outras ordens.

Retomemos a análise do conto. Característico do discurso adotado pelo narrador, a voz narrativa procura apresentar o personagem sem lançar juízo de valor. Todavia, ainda que se perceba certa simpatia do narrador para com Feliz, numa espécie de louvação ao tom moralizante adotado pelo personagem, o narrador não economiza na ironia ao falar sobre aspectos da masculinidade do personagem.

Assim, Feliz é apresentado como um homem cabo-verdiano: casado, pai de quatro filhos, recém-chegado aos cinquenta e dois anos, gozando de saúde, mesmo que não possuísse “os dons dos vinte anos, mas também estava ainda longe de alcançar o emperramento dos velhos; [...]” (MONTEIRO, 2009, p. 143).

Embora Feliz de nome, o personagem era um homem infeliz, pois “apesar de sua aparente boa saúde física, Feliz era assediado por dois problemas [...]” (MONTEIRO, 2009, p.143). Tais problemas, de acordo com o narrador, eram de ordem sexual – falta de desejo por sua mulher que já não tinha mais o corpo de antes – o primeiro, e patológico – “pedras nos rins” (MONTEIRO, 2009, p.143) –, o segundo.

Percebe-se, ao longo da leitura do conto, que este segundo problema é utilizado pelo personagem ou por seus pares, e aqui se inicia a desconfiança a respeito da neutralidade do narrador deste conto, a fim de justificar a impotência do personagem diante de situações de ordem



sexual. Como exemplo, o seguinte excerto:

Para além dos aspectos morais, que tinham a ver com respeito e fidelidade, para além do receio de quebrar uma rotina que fazia já parte de Feliz, *ele também receava envolver-se com outra mulher, por causa das pedras nos rins, das dores dos rins*. Essas *dores, terríveis e insuportáveis*, surgiam a qualquer hora, a propósito e a despropósito. Eram de tal monta que paralisavam todos os restantes sentidos e órgãos, *desarticulavam o homem, deixando-o abonecado, patético*.

[...]

Essas foram *desculpas apenas*. Porque, lá no fundo de si mesmo, *Feliz temia a impetuosidade de uma mulher mais nova*. Pensava, então, que o que sentia não passava de luminárias de São João, era fogo de palha, que se apagava ao primeiro sopro. No fundo, tinha receio de se aventurar em terrenos desconhecidos (MONTEIRO, 2009, p.145 – grifo nosso).

Ainda que narrados como se a relação entre os dois problemas do personagem fossem o motivo da infelicidade de Feliz, entendemos que o segundo passa a ser justificativa do personagem, sobretudo no que se refere às acusações feitas sobre ele mais ao fim da narrativa. São as dores o álibi perfeito para justificar a não realização de sua dança do kuduro, isto é a sua incapacidade para manter um relacionamento sexual.

É oportuno lembrar que são atribuídas duas grafias para a expressão kuduro ao longo do texto. A primeira, que está demarcada no título do conto, se refere ao ritmo musical angolano, bastante apreciado por cabo-verdianos. A dança do kuduro, como se pode ver por meio de vídeos do YouTube⁴, exige do seu dançarino boa movimentação das pernas e do quadril, uma vez que a movimentação se concentra quase toda na parte inferior do corpo. Embora a dança apresentada no Kuduro não seja exatamente sensual, é inegável a relação que o conto propõe entre ela e o ato sexual.

A outra grafia, utilizada na fala de Feliz é feita da seguinte forma: “- Ó compadre, que vergonha! Que vergonha, ó compadre! Tudo por causa desse *cu duro*. Eu estava com tanta vontade, [...]. Mas *o cu duro não deixou* [...]” (p.149). Embora não tenhamos encontrado nenhum significado cultural para a expressão “cu duro”, denotamos, pelo contexto em que foi utilizado, que se refere ao pênis do personagem que não ficou ereto, mesmo com a utilização do Viagra, como se vê no trecho a seguir: “[...] o cu duro não me deixou. Negou a mexer-se precisamente quando eu já estava no ponto, sabe do mundo. Quando me desmobilizei todo, o sacana desapareceu como se fosse malfeito. Sim, compadre, malfeito” (MONTEIRO, 2009, p.149).

⁴ Veja alguns exemplos da música e da dança do Kuduro nos seguintes links: https://www.youtube.com/watch?v=H_Zp8QJi6AQ e <https://www.youtube.com/watch?v=PzUjpoIvT9o>



Retornando a questão dos problemas de saúde de Feliz, percebemos que para a constituição desta problemática a relação que o narrador estabelece com o fato narrado é de extrema importância para o entendimento da fatura textual. Tal relação que o narrador incute na leitura, procurando demonstrar que o problema de Feliz é externo, acentua o tom de defesa em prol do personagem. Todavia, percebemos que essa espécie de justificativa, que o narrador constrói para as tantas impotências de Feliz, acaba por dar certo tom paradoxal à narrativa, à medida que se desenvolve - uma vez que o tom de defesa percebido no início do conto vai sendo abandonado, paulatinamente.

Seguindo este tom de justificativa, os problemas sexuais de Feliz são atribuídos a condição física de sua esposa, Marquinha. De acordo com o narrador, embora o personagem não fosse um “[...] homem de grande expansão em termos de desejo sexual, [...]”, fez quatro filhos e sempre que a esposa quisesse, “ele estava também pronto para querer”. Pondera, por fim, que “o problema de Feliz, porém, não era a falta de potência ou impotência. Muito menos infertilidade. [...]”, o problema “[...] em primeiro lugar, era Marquinha. [...]”. A esposa, também não mais jovem, era “rotunda, gorda, uma barriga enorme, que, acrescida de sua veneranda proeminência, tornava o ato de amar Marquinha um suplício, um autêntico inferno”, por este motivo, Feliz “[...] Algumas vezes, desistiu mesmo, a meio percurso, porque esfolava-se tanto que ficava esbaforido, a resfolegar como um cavalo de corrida – caía de lado, de tão cansado, como se tivesse sobre os ombros o próprio Mundo”. (MONTEIRO, 2009, p.143-144)

Mesmo que tenha deixado de desejar Marquinha, “com medo de fracassar” justifica o narrador, Feliz permanecia “[...] um fiel marido, como já não havia mais”. Tal fidelidade, que segundo o narrador vai além dos aspectos morais e do “[...] receio de quebrar uma rotina que fazia já parte de Feliz”, vai sendo minada, dando vazão ao desejo sexual que vai crescendo diante da abstinência que o personagem impõe a si mesmo, “[...] à medida que evitava a sua Marquinha, aumentava a sua pulsão sexual, a sua libido. Em suma, a sua necessidade sexual, sempre moderada, abaixo do normal mesmo, aumentou e de que maneira” (MONTEIRO, 2009, p. 144-145).

A partir do aumento do desejo sexual de Feliz surge o conflito da narrativa, ao passo em que o narrador passa a problematizar a masculinidade do personagem, confrontando-a com a de outro personagem, o Piloto, ao mesmo tempo em que, implicitamente, passa a discutir de forma mais efetiva o conceito de *morabeza*, no sentido em que Feliz coloca suas necessidades pessoais acima da amizade, da cordialidade, do respeito e mesmo da honra coletiva.

Enquanto para Feliz o desejo sexual extraconjugal é uma problemática, engendrada por questões morais e patológicas, mais uma vez o problema dos rins, para o narrador são apenas desculpas para o medo que o personagem teria, como já dissemos, da “[...] impetuosidade de uma mulher mais nova” (MONTEIRO, 2009, p.145).

O contraponto para o personagem, neste aspecto sexual e de masculinidade, é seu compa-



dre, Piloto. Descrito como “um depravado, um debochado, que não escondia da esposa Josefa as membras e raparigas, tendo produzido uma caterva de filhos, tanto na linha interna como na externa, [...]” (MONTEIRO, 2009, p.144), Piloto aparece como um modelo de masculinidade hegemônica.

Ainda que o conceito de hegemonia da masculinidade seja problemático, seguimos Connell e Messerschmidt, em “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito” (2013), na compreensão de que a confirmação de uma masculinidade hegemônica se dá a partir do sequenciamento de um padrão de práticas, de modo a assegurar a dominação, seja de um gênero sobre outro, ou mesmo de um padrão sobre outro, dentro de um mesmo gênero. Tais práticas fazem com que um modelo hegemônico masculino exerça poder sobre outros modelos, estes subordinados⁵.

Neste sentido, percebemos que mesmo que Piloto surja como um modelo a ser seguido, na medida em que influencia seu amigo à infidelidade, o que se percebe é que entre Piloto e Feliz é estabelecida uma relação de solidariedade intragênero, a partir da qual ambos os personagens, autoidentificados como pertencentes ao gênero masculino, se ajudam e são ajudados mutuamente⁶.

Compreendemos que essa solidariedade entre as masculinidades serviria, no contexto cabo-verdiano, como elemento constituinte daquele traço identitário que se denomina como morabeza, quando entendida como a prática da solidariedade de forma irrestrita. Todavia, como afirma Mário César Lugarinho ao analisar o romance *Marginais*, de Evel Rocha (2010), a prática social corrompe a ideia da morabeza. Isto se dá, porque as relações de solidariedade acabam sendo exercidas apenas quando se verificam elementos de aproximação, tais como idade, proximidade social, geográfica, afetiva e, também, de gênero (cf. LUGARINHO, 2012, p.83).

5 Hegemonia deve ser tomada no sentido gramsciano do termo, tal como expõe Sofia Aboim (2008), isto é, a hegemonia se caracteriza como uma liderança cultural-ideológica de um grupo social sobre os outros, embora possa se referir também à coerção ou dominação. A masculinidade hegemônica também não quer dizer uma maioria estatística. É provável, que apenas uma minoria entre os homens a adote, mas ela é um padrão normativo, que incorpora aquilo que é considerado como uma maneira mais honrada de ser de um homem. Ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global sobre o mesmo gênero, outros homens, outro gênero, como as mulheres, e também às identidades não normativas.

6 A essa rede de solidariedade intragênero, dá-se o rótulo de *homossociabilidade*. Para Emerson Inácio, homossociabilidade é “a rede de relações, baseadas no patriarcado, que regulam o comportamento masculino de maneira a estabilizá-lo e hierarquizá-lo pela instauração de uma interdependência/solidariedade para que o patriarcado seja sempre intermediado pelas barreiras do tipicamente masculino” (2002, 59-72). Adotamos como complemento para a compreensão a respeito do conceito, a designação feita por José Carlos Barcellos, que compreende, como sendo homossociabilidade, “[...] a extensa rede de práticas sociais intragenéricas, através das quais se mantém e se regulam os laços de solidariedade e colaboração, por um lado, ou de rivalidade e competição, por outro, entre aqueles indivíduos que se identificam como pertencentes ao mesmo gênero” (BARCELLOS, 2006, p.195).



O conto ora analisado propicia, no entanto, que se questione a solidariedade até mesmo dentro das características de aproximação. Na medida em que os personagens Feliz e Piloto podem ser entendidos como semelhantes, uma vez que são homens, casados, heterossexuais, aparentemente com a mesma condição financeira e social; na prática, a subjetividade dos personagens, que aparece a partir do modo como compreendem o exercício de suas masculinidades, se impõe à ideia do coletivo, pondo em xeque a ideia da morabeza.

Neste sentido, verificamos que o exercício da masculinidade pode ser utilizado, ao mesmo tempo, como contributo para a fixação e a manutenção do sentimento de coletividade, dado pela morabeza e, também, como elemento para questionar a mesma ideia.

Para Piloto, a masculinidade se confirma não apenas por meio do exercício sexual desempenhado pelo homem, mas também pela sua divulgação. De acordo com a narrativa, em nenhum momento o compadre desdenha de Feliz, seja pela sua aparente impotência, seja pela sua falta de coragem em arrumar outra mulher. Pelo contrário, empenha-se em preparar meios e oportunidades para que Feliz possa voltar a ser feliz.

Sendo assim, Piloto viabiliza que seu compadre exerça o gozo sexual masculino, que só se dá, conforme os ditames de uma masculinidade heteronormativa, com a penetração em uma mulher, encontrando uma mulher, um local e mesmo um medicamento, o Viagra, para que Feliz possa ter suas relações extraconjugais em sigilo.

No entanto, Feliz, após o intercuro sexual com a amante que o amigo Piloto lhe arrumara, declara não ter funcionado nem com o Viagra. O insucesso, contado por Feliz a seu compadre, no entanto, oculta outra verdade sobre o personagem, seu desejo por crianças pobres a quem havia auxiliado com uma moeda em algum momento de suas vidas e haviam se tornado púberes, “eram essas adolescentes a causa do rejuvenescimento de Feliz e não a balofa Marquilha” (MONTEIRO, 2009, p. 146).

Ainda que a voz do narrador tente atenuar a pulsão sexual de Feliz, apresentando ao leitor alguma resistência por parte do personagem, “queria ele ter forças, físicas e anímicas, sobretudo força psicológica, moral, *cultural*, para que deixasse de ser apenas fantasia o que por elas sentia. [...]” (p. 145). Se por um lado, o narrador aponta que Feliz “sentia-se impotente perante os seus objetos de desejo. Sentia-se amarrado pelas teias que a sociedade criou, impedindo-o de comer as mocinhas. Sentia-se incapaz de lançar mão de uma delas, sobretudo por serem, ainda, sub-14.” (MONTEIRO, 2009, p. 146), por outro, Feliz ao esconder de seu amigo a verdadeira natureza de seus desejos sexuais, quebra com o acordo de cordialidade, implicitamente estabelecido entre eles a partir da relação de homossociabilidade.

Ao contrário de Piloto, que expõe sua vida sexual e infiel para todos, Feliz entende que “há coisas na vida de um homem que não devem ser partilhadas nem com a esposa” (MON-



TEIRO, 2009, p.145), o que nos levará a refletir mais a frente sobre a questão do público e do privado.

Ao seguir o que nos é apresentado pelo narrador, percebemos que Feliz é regido por outro código de conduta, diferente de seu compadre. Enquanto Piloto se guia, como já expusemos acima, por certa honra masculina, na qual entre iguais não haveria nenhum segredo, Feliz apela para o sigilo, levando o leitor à sensação de que para o personagem o que acontece no âmbito privado é regido por outra noção de moralidade.

Em estudo sobre o discurso de homens brasileiros que agrediram suas companheiras de forma física e sexual, Lia Zanotta Machado (2004) sintetiza, a partir dessas escutas, a situação da conduta masculina localizada entre dois polos: de um lado se encontra aquilo que tais homens chamam de bicho danado, isto é, um homem não domesticável, irresponsável, perigoso para as mulheres porque não confiável. Essa polaridade nasce a partir de uma pressuposição de fraqueza e não de força, ou seja, uma fraqueza que combina com macheza, sendo o verdadeiro macho, do ponto de vista sexual, aquele que diante de uma mulher não consegue se controlar. A virilidade pressuporia, assim, a disponibilidade total para a realização da atividade sexual, associada ao lugar simbólico do masculino como lugar da iniciativa sexual. Em outro polo está situada a lógica do *homem honrado*, aquele que, em nome da responsabilidade diante da parentela em que se insere, tem o poder e o dever de controlar suas mulheres (inclusive usando violência física) e defender (inclusive usando força física) a honra de suas mulheres contra homens que delas se aproximam de forma considerada inadequada. A *honra feminina*, segundo este conjunto de valores, conspurca a *honra masculina*.

De acordo com Machado, as duas categorias, bicho danado e homem honrado são constitutivas do código relacional da honra masculina, estruturando entre si, «a gramática da rivalidade e do desafio» (MACHADO, 2004, p. 57). Machado afirma que os mesmos homens, dependendo de suas posições na rede de relações sociais, são “homens honrados” e/ou “bichos danados”.

No mesmo sentido, ao analisar as representações das masculinidades em Maputo, Sofia Aboim (2008, p.275), distingue masculinidade hegemônica como sendo o exercício de uma dicotomia, semelhante à descrita por Lia Zanotta Machado, que se baseia em duas imagens: a do predador sexual e a do provedor da família.

Acreditamos que Feliz, pelas condutas que adota em relação à autoafirmação de sua masculinidade, situa-se entre a lógica proposta por Machado. Ele não usa de violência física diretamente, mas sim de ardil para seduzir as menores, enquanto mantém seu casamento intacto. Acreditamos que, do mesmo modo que a cultura ibérica se faz presente no Brasil, ela estende também seus tentáculos às colônias portuguesas na África, como parece ser o caso de Cabo Verde, a partir da leitura deste conto.



Voltamos agora a questão do público e do privado. Partimos, para isto, das observações de Zigmunt Bauman, ao entender privado e público como conceitos antagônicos. De acordo com o estudioso,

Em geral, seus campos semânticos não estão separados por limites que permitam tráfego de mão dupla, mas por fronteiras demarcadas: linhas intransponíveis, de preferência fechadas com rigidez e pesadamente fortificadas de ambos os lados para impedir transgressões (invasores ou trãnsfugas, sobretudo desertores). (BAUMAN, 2011, p. 37)

Quando observamos o conto propriamente, percebemos que estes conceitos, de público e privado, são utilizados pelos personagens a fim de estabelecer ou de romper com os limites do sigilo.

Se considerarmos que com o advento da sociedade moderna o sexo foi, cada vez mais, se tornando um assunto do âmbito do privado, Piloto se apresenta como um transgressor, quando adotamos as prescrições de Bauman. Isto se daria já que o personagem opta por compartilhar com seus pares os seus feitos sexuais. A partilha da informação serve para Piloto como uma afirmação de sua masculinidade. Concomitante, a eleição de um igual para partilhar a narrativa de suas atividades sexuais, significa, na ótica do personagem, um pacto de confiança, de honra, também característico do exercício da masculinidade e da morabeza.

Em contrapartida, Feliz permanece, como já demonstramos anteriormente, fixo à ideia de que alguns assuntos não devem ser compartilhados nem mesmo com sua esposa, ou seja, os limites do privado prevalecem. Para o personagem, as delimitações entre o que é público e o que é privado sobrepõem-se e tem mais importância que o reconhecimento de sua masculinidade por seus pares.

Importante destacar que o sigilo, para além de uma estratégia de permanência na vida social para o personagem, é também uma forma de se afastar, de estabelecer a divisão entre ele e seu compadre. Bauman afirma que o sigilo “embora parte integrante da privacidade, também é uma relação social: é necessário observar a norma de que ‘aquilo que é intencional ou não intencionalmente escondido deve ser intencional ou não intencionalmente respeitado” (BAUMAN, 2011, p. 40). A opção pelo sigilo, intencionalmente feita, embora subtraísse de Feliz a possibilidade de um possível reconhecimento e exaltação de sua masculinidade, garante a ele a continuidade de suas atividades sexuais ilícitas. Para o personagem, não importa ser reconhecido publicamente, o que importa é que ele se reconheça como masculino, ainda que de forma sigilosa.

No decorrer do julgamento ao qual Feliz é levado, Piloto se surpreende pelo fato de várias testemunhas atestarem que Feliz desempenhava muito bem a dança do kuduro. O que desaponta Piloto, ao cabo da narrativa, é a traição que pelo seu par:



Piloto olhava o seu grande compadre Feliz e apenas via um animal mesquinho à sua frente, não pelo que fez – não tinha o direito de julgar o compadre – mas pelo que omitiu, pelas mentiras que foi capaz de alimentar e durante muito tempo (MONTEIRO, 2009, p.151).

Quando Piloto questiona Feliz a respeito de sua traição, a resposta que lhe é dada confirma nossa hipótese a respeito da questão de privado e público:

— Porquê, compadre? Porquê me convenceu de que não conseguia nada com as mulheres que seu cu duro não deixava nem com Viagra? Porquê fingia que não gostava delas, das sub-14? Porquê, compadre, porquê me escondeu que não passava sem elas?

— Porque o compadre é linguarado, fala demais, Marquinha ficava a saber dois minutos depois. (MONTEIRO, 2009, p.152)

A discussão sobre a morabeza extrapola a relação entre as personagens masculinas, sobretudo por ser um conceito de identificação nacional. Avançando sobre essa discussão, é interessante observar a relação que Feliz estabelece com as jovens, *sub-14* como são apresentadas da narrativa.

Como já antecipado, o conto sofre uma reviravolta quando Feliz é apanhado pelo pai de uma das adolescentes em suas estratégias de sedução das menores. Dessa forma, ele é levado a um tribunal, julgado e condenado.

No que tange ao conto em análise, percebemos que Marquinha e as sub-14 materializam a representação do que entendemos como bens simbólicos, no mercado da masculinidade. A primeira é utilizada como forma de Feliz se afirmar como homem para a sociedade, neste sentido, sua apresentação como signo é destinada ao universo público. Marquinha é apresentada socialmente como esposa, a despeito de não se prestar às necessidades de um dever que Feliz acha que tem para consigo mesmo, o de exercer todo o potencial sexual que julgava ter. Por outro lado, e em parte para suprir sua necessidade de dominação por meio do ato sexual, as menores, enquanto signos, fazem parte do universo íntimo. São objetos utilizados no âmbito privado – embora posteriormente venham a se tornar público – e funcionam como instrumentos de autoafirmação sexual para Feliz.

Adentramos, assim, no segundo aspecto. Feliz, temeroso do que poderia encontrar ao se relacionar sexualmente com uma mulher mais nova de idade, mas com vivência sexual, recorre às adolescentes, excitantes, porém inexperientes e, aparentemente, mais fáceis de agradar.

Conforme observa Bourdieu (2010), na cultura ocidental o ato sexual é pensado em função do princípio do primado da masculinidade. De um modo geral, possuir sexualmente é dominar, no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar e abusar. De acordo com o autor, as manifestações legítimas ou ilegítimas da virilidade situam-se na lógica da proeza, da



exploração, do que traz honra. As transgressões sexuais não podem ser abertamente expressas em virtude de sua gravidade, no entanto, representam um desafio indireto à integridade masculina de outros homens, encerrando dessa forma toda a afirmação viril (BOURDIEU, 2010, p.29). Ao rejeitar o relacionamento com mulheres adultas e investir em adolescentes, Feliz escapa do vexame de não poder fazer gozar e põe em marcha a sua capacidade de enganar outros homens, seus pares, e abusar das menores, subordinadas, o que lhe restaura a sensação de potência, negada dentro de sua relação conjugal.

Homens e mulheres têm pontos de vista muito diferentes sobre a relação amorosa, na maior parte das vezes pensada pelos homens como a lógica da conquista, mas também porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse. Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, conforme explica Bourdieu, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo heterossexual – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como o desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (cf. BOURDIEU, 2010, p. 31).

Feliz não apenas usa Marquinha, Mariazinha – a amante que o amigo lhe arrumou — e as menores, como engana a seus pares masculinos, o Piloto e os pais das adolescentes. Submete-os para não ser por eles submetido. Vê-se, a partir disto, que as exigências da masculinidade são coercitivas o suficiente para suplantar o traço identitário nacional, dado pela morabeza, bem como os impeditivos da prática da pedofilia, levando-o mesmo a delinquir para se autoafirmar como homem.

A procura pela autoafirmação revela alguns meandros sobre a constituição da identidade de gênero, a qual não importa apenas para o externo, a sociedade, mas principalmente, e, sobretudo, para o próprio indivíduo. Para Feliz, entender-se no masculino, como homem, ainda que não se revelasse a seus pares, sobrepõe-se a todas as regras de convívio e comportamento sociais. Sacrificou a honra, o casamento, a liberdade pessoal e a liberdade jurídica para não deixar de ser/estar homem.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo. *Análise Social*, Lisboa, n. 187, p. 273-295, abril 2008. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 set 2017.



ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Ciudad del Mexico: Fondo de Cultura Económica: México, 1983.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. **Estudos afro-asiáticos** [online], v.25, n.3, 2003, pp.579-596. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2003000300008>

BAUMAN, Zigmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2011.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão** [Em Questão – Virtual, 2]. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. Disponível em http://www.dialogarts.uerj.br/emquestao/lit_e_homo.pdf.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, mai 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 14 jul 2017.

CRUZ, Lúcia M. M. Santa. **Responsabilidade social: visão e intermediação da mídia na redefinição do público e do privado**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação/UFRJ, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GRAÇA, Camilo Querido Leitão da. **Cabo Verde: formação e dinâmicas sociais**. Praia: IIPC. 2007.

HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

INACIO, Emerson. “Homossexualidade, homoerotismo e homossociabilidade: em torno de três conceitos e um exemplo”. In: GARCIA, W & SANTOS, R. (Orgs.). **A escrita de Adé: perspectivas teórico-críticas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. São Paulo: Xamã, New York: NCC, Belo Horizonte: ABEH, 2004. p. 59-72.



LOPES FILHO, João. **Introdução à cultura cabo-verdiana**. Praia: Instituto Superior de Educação, 2003.

LUGARINHO, M. C. Aporias em Cabo Verde: masculinidade e justiça social em Marginais, de Evel Rocha. In: **Revista Olhar (UFSCar)**, v. 14, n. 26/27, 2012. p. 77-85. Disponível em: https://issuu.com/revistaolhar/docs/olhar_26-27_site Acesso em 24 out 2017.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e Violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: Mônica Raisal Schpun. (Org.). **Masculinidades**. São Paulo/Santa Cruz do Sul: Boitempo/Edunise, 2004. p. 35-78.

MARCHINI, Luciana Miranda. A ilusão do gênero em “O Travesti”, do escritor cabo-verdiano Fernando Monteiro. In: **Abril – NEPA/UFF**, Niterói, v. 9, n. 18, p. 83-99, jun. 2017. Disponível em: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/393>. Acesso em: 24 Oct. 2017.

MARIANO, Gabriel. **Cultura cabo-verdiana: ensaios**. Lisboa: Vega, 1991.

MONTEIRO, Fernando. **Na roda do sexo**. Cidade da Praia: Saco Edições, 2009.

PINA, Leão Jesus de. Cordialidade e democratização: da morabeza às tendências actuais da cultura política cabo-verdiana. In: **Anais do 7.º Congresso Ibérico e Estudos Africanos**. 2010. Disponível em https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/2301/1/CIEA7_13_PINA_Cordialidade%20e%20Democratiza%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em 20/08/2017.

ROCHA, Evel. **Marginais**. Praia: Gráfica da Praia, 2010.

